

# RELATOS DE JUVENTUDES: ETNOGRAFIA E HISTÓRIA DE VIDA NA COMPREENSÃO DOS TERRITÓRIOS JUVENIS E MODOS DE SER JOVEM E SIGNIFICAR A ESCOLA

## REPORTS OF YOUTH: ETHNOGRAPHY AND LIFE HISTORY IN THE UNDERSTANDING OF YOUTHFUL TERRITORY AND THE WAY TO BE YOUNG AND GIVE MEANING TO THE SCHOOL

Carla Valéria Vieira Linhares Maia <sup>1</sup>

Juarez Tarcísio Dayrell <sup>2</sup>

**RESUMO:** Este texto origina-se da tese de doutorado: *Cartografias Juvenis: mudanças e permanências nos territórios e modos de ser jovem*. Tese defendida no Programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Nessa tese buscou-se, a partir da perspectiva histórico-antropológica, desenvolver uma etnografia das relações inter-geracionais no cotidiano escolar, com estudantes de uma turma de ensino médio de EJA, com idades entre 18 e 75 anos, compondo quatro gerações juvenis. O caminho metodológico construído para esta etnografia constituiu-se em conjugar, de um lado uma análise sincrônica das relações inter-geracionais no cotidiano escolar, por meio da observação participante e “descrição densa” destas relações. Por outro lado, uma análise diacrônica das vivências juvenis destes estudantes de idade e gerações juvenis distintas, por meio da utilização de dois recursos: a contextualização histórica destas vivências e os registros que denominamos “relatos de juventudes”, pela metodologia da história de vida. Este estudo mostrou o peso dos contextos socioculturais com que os jovens se defrontam e têm de lidar em suas trajetórias de vida. Permitiu concluir que os territórios constitutivos de modos próprios de ser jovem e viver a juventude, precisam ser pensados “transversalmente” em relação às dimensões mais profundas da constituição de subjetividades juvenis que são estruturadas e demarcadas pelas diferenças culturais postas pelo gênero, etnia e raça e pela condição socioeconômica.

**PALAVRAS CHAVES:** Juventudes, relações intergeracionais, territórios juvenis.



Vol.9 nº 17 jan./jun.2014  
p. 71-81

<sup>1</sup>Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais

<sup>2</sup>Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo e Bolsista Produtividade em Pesquisa pelo CNPq.

**ABSTRACT:** This text stems from the Phd thesis: *Youthful Cartography: changes and permanence in the territory and ways to be young*. This thesis was defended in the postgraduate Program at Faculdade de Educação de Universidade Federal de Minas Gerais. In this thesis, we search from the perspective historical- anthropological, to develop an ethnography of the intergenerational relations in the everyday school, with students that belongs to a class of the high school EJA, with the age between 18 and 75 years old, which compound four youthful generations. The methodological path developed for this ethnography constitute in provides combinations, on one side a synchronous analysis of the intergenerational relations in the school routine, through the observation participant and “dense description” of this relations. In the other side, a diachronic analysis of the youthful experience of these students that have distinct ages and generations, through the utilization of two resources: the historical context of this experience and the registrations that we called “youth report”, through the methodology of life history. This study shows the importance of the sociocultural context which the young people face and most also have to deal in their trajectories of life. It allows to conclude that the territories constitutive of its ways to be young and live the youth, needs to be considered “transversally” in relation to the deepest dimension of the youth subjectivity constitution that are structured and defined by the cultural differences set by the de gender, ethnic group, race and by the socio - economic conditions.

**KEYWORDS:** Youth, intergenerational relations, youth territories.

Este texto, origina-se na tese de doutorado: *Cartografias Juvenis: mudanças e permanências nos territórios e modos de ser jovem*. Tese defendida no Programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Nessa tese buscou-se, a partir da perspectiva histórico-anropológica, desenvolver uma etnografia das relações intergeracionais no cotidiano escolar, com estudantes de uma turma de ensino médio de EJA, com idades entre 18 e 75 anos, compondo quatro gerações juvenis.

No limite desse artigo, importa dizer que consideramos como relações intergeracionais, as relações estabelecidas e observadas no cotidiano escolar entre estudantes jovens, adultos e idosos (ou de mais idade, como uma categoria nativa). Relações estas permeadas por trocas, intercâmbios, como também pelo estabelecimento de limites entre os diferentes grupos, principalmente na apropriação dos espaços, tempos escolares e na definição do que é ser jovem e de quem era jovem na escola.

O caminho metodológico construído para esta etnografia constituiu-se em conjugar, de um lado uma análise sincrônica das relações inter-geracionais no cotidiano escolar, por meio da observação participante e “descrição densa” destas relações. Por outro lado, uma análise diacrônica das vivências juvenis destes estudantes de idade e gerações juvenis distintas, por meio da utilização de dois recursos: a contextualização histórica destas vivências e os registros do que denominamos “relatos de juventudes”, pela metodologia da história de vida. Entendemos que estas duas vias de análises (sincronia e diacronia) e o diálogo entre dois campos de conhecimento (História e Antropologia) constituem-se como complementares de um processo de compreensão da realidade educativa e juvenil que se buscou mapear e compreender.

A opção pela utilização da via diacrônica (histórica) em diálogo com a perspectiva sincrônica da etnografia (antropológica) permitiu situar a análise das relações entre jovens e escolas e entre diferentes gerações juvenis, em uma perspectiva mais ampla, posta por um recuo temporal, de uma “duração mais longa”, em que os fenômenos podem ser compreendidos com maior densidade e de forma comparativa. Trilhar este caminho, porém, não foi uma tarefa simples. Na verdade constituiu-se como um grande desafio que decidimos aceitar por acreditar que este nos possibilitaria mapear, analisar e compreender os territórios de sentidos e significados postos pelos estudantes em suas vivências como jovem e as diferentes formas de viver a juventude em diferentes épocas e contextos.

Por tratar-se de um estudo no campo da educação, outras perguntas que buscamos responder por esta metodologia:

- 1- De que forma a escola era apresentada pelos estudantes pesquisados, em seus “relatos de juventudes”?
- 2- O relato dos estudantes pesquisados sobre as vivências e significações da escola nos seus diferentes períodos e contextos de juventude nos permitiam compreender as relações inter-geracionais observadas no cotidiano escolar?
- 3- Como estes relatos nos possibilitavam a compreender os sentidos e significados atribuídos à escola pelos estudantes das diferentes gerações?
- 4- Seria a escola um destes territórios significativos para os estudantes em suas vivências juvenis e projetos de vida?

Para este texto optamos pela descrição e análise da via diacrônica da pesquisa e, assim, do diálogo entre História e Antropologia. Parafraseando Shorcker (2001), mas apresentando outra utilização para a expressão, buscou-se “pensar com a história”, as mudanças e permanências nos territórios juvenis e nos modos de ser jovem. Entendendo com Shorcker que “pensar com a história implica o emprego de materiais do passado e das configurações em que os organizamos e compreendemos para nos orientar no presente” (SHORCKER, 2001, p. 13; MAIA, 2004).

Isto posto, buscamos situar os relatos dos estudantes sobre suas juventudes, no contexto histórico em que estes viveram e que “configuraram os campos de possibilidades” de suas vivências juvenis, bem como as suas significações sobre as mesmas, enquanto as rememoravam nos momentos de entrevistas ou nas conversas informais tecidas nos tempos e espaços do cotidiano escolar.

Dito isto, importa esclarecer que “para pensar com a história” não desenvolvemos uma pesquisa histórica de fontes primárias e diretas, como proposto pelo autor. Para este estudo dialogou-se com a rica e ampla produção historiográfica brasileira e também internacional, visando situar os contextos em que os sujeitos pesquisados viveram as juventudes e assim as configurações possíveis a estas vivências.

Do mesmo modo (e reconhecendo que esta dimensão nunca esteve presente na proposta de Shorcker (2001)) - importa ainda destacar que ao “pensar com a história” não se trabalhou com uma perspectiva histórica linear e evolutiva da juventude, com o objetivo de reconstituir historicamente gerações juvenis, compreendidas, ou como “unidades geracionais”, como posto por Manheimm ou, menos ainda, como tipologias geracionais como geração x, y ou z, como realizados em estudos mais recentes. Com a adoção da perspectiva histórica e geracional, adentramos pelo terreno complexo do movimento histórico, que comporta tanto continuidades como descontinuidades, mudanças e permanências, avanços e retrocessos. E, principalmente abre a possibilidade de observar a simultaneidade de tempos e vivências sociais e da diversidade de configurações juvenis possíveis em um mesmo contexto histórico e geracional.

Como posto por Levi e Schmitt (1996), a intenção foi reconstituir “histórias de jovens”. Histórias estas que se referem aos jovens pesquisados e aos diferentes contextos e épocas em que viveram suas juventudes e, principalmente, às diferentes formas, que estes nos relataram, sobre como viveram a juventude. Sobretudo, objetivou-se que a pesquisa mostrasse os estudantes pesquisados de diferentes gerações, vivendo a juventude, como no dizer destes historiadores, “inseridos no emaranhado de relações sociais específicas e contextos históricos [e juvenis] distintos” (LEVI e SCHMITT, 1996, p. 13). Pois como nos lembram estes autores, os estudos históricos evidenciam a existência de múltiplas formas e configurações na forma de ser jovem em diferentes tempos e localidades e, que estas diferenças não concernem apenas a épocas muito distantes entre si, mas também aos problemas e aos aspectos gerais sobre os jovens que variam de lugar para lugar e dentro de uma mesma sociedade, dependendo do que se propõe estudar.

## HISTÓRIA E MEMÓRIA

Trabalhar com a metodologia de história de vida é adentrar a história pelo terreno da memória e deste modo é enveredar-se por caminhos que exigem cuidados, mas ao mesmo tempo ousadia. No processar da memória estão presentes as dimensões do tempo individual e do tempo coletivo. Elias (1998), para que ocorra a percepção temporal e sucessiva de eventos/acontecimentos, pressupõe-se existirem no mundo seres que sejam capazes de fazer esta relação espaço/temporal. A percepção da passagem do tempo “exige” a existência de centros de perspectiva – os seres humanos - com capacidade de “elaborar uma imagem mental em que eventos sucessivos estejam presentes em conjuntos, embora sejam claramente reconhecidos como não simultâneos”. Desse modo, a percepção temporal pressupõe seres dotados de um poder de síntese acionado e estruturado pela experiência. (ELIAS, 1998, p.33). O tempo da memória, porém, ultrapassa o tempo de vida individual e encontra-se com o tempo da história. Como nos lembra Walter Benjamin *a memória não é um instrumento para exploração do passado; é antes o meio. É o meio onde se dão as vivências* (Walter Benjamin, 2000).

Como posto por Ricoeur (2007), lidar com a memória é lidar com vários desafios, dentre eles, o de separar imaginação e lembrança. Pois como enfatiza: “Imaginar não é lembrar!” Em seu trabalho mais recente, Ricoeur diferencia uma “memória imagem” de uma “memória lembrança”. Ele considera que quando nos recordamos de um determinado acontecimento da nossa vida passada, não estamos a imaginar (território da imagem e da imaginação), mas a lembrar (território da memória lembrança). Nós, efetivamente nos lembramos, do acontecimento e assim não o colocamos como dado ausente, mas como dado-presente no passado. Mas tudo isso ocorre, segundo o autor, no terreno do imaginário, “resulta daquilo que podemos chamar de a sedução alucinatória do imaginário”. Assim, ele concluiu que “o ato de imaginação [...] é um ato mágico. É um encantamento destinado a fazer aparecer o objeto em que estamos pensando, a coisa que desejamos, de modo a podermos tomar posse dela” (RICOEUR, 2007, p. 69).

Com sua discussão sobre a lembrança e a imagem, Ricoeur busca “exorcizar” o que se denomina “cidades da memória”, citadas por muitos críticos como um demérito no uso da memória como fonte histórica ou de outra forma de pesquisa. O que Ricoeur quer mostrar é que a memória é uma grande fonte de pesquisa, ou nos seus termos, “da grandeza cognitiva” da memória. Ela não é apenas, como afirmava no início do capítulo, “o único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar”, mas um recurso confiável de trabalho e assim afirma a “verdadefidelidade da lembrança” (RICOEUR, 2007, p.40-70).

## RELATOS DE JUVENTUDES: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NOS TERRITÓRIOS E MODOS DE SER JOVEM DE QUATRO GERAÇÕES JUVENIS

Nesse caso especificamente, buscamos reconstituir histórias de jovens e sobre a juventude a partir das narrativas de estudantes jovens, adultos e idosos. Destas narrativas extraímos o que denominamos de “relatos de juventude”. Por estes relatos, buscamos mapear as vivências de jovens em quatro gerações juvenis.

Para constituição das gerações, recortamos quatro períodos situados entre as décadas de 1950 e 2007: A) A primeira geração constituiu-se pelos estudantes que viveram a juventude na década de 1950 e, quando da realização da pesquisa de campo, estavam na faixa etária dos setenta anos. Nessa geração contamos apenas com duas estudantes do sexo feminino: uma delas se identificou como solteira, “parda”, e tendo vivido a juventude na condição de empregada doméstica. A outra, se identificou como viúva, “branca” e mãe de três filhos já adultos, tendo vivido a infância e juventude (denominada por ela de “mocidade”) com a mãe, após a separação dos pais e depois, já casada, com o marido, criando os filhos e ajudando no comércio da família. B) Para a segunda geração, identificamos os estudantes que viveram a juventude na década de 1970 e estavam ( na época da pesquisa) na faixa etária dos 50 a 59 anos. Neste grupo contamos com

quatro estudantes. Duas mulheres, ambas casadas, autoidentificadas como “brancas”, mães de filhos já adultos, sendo uma das camadas populares e outra das camadas médias. E dois estudantes do sexo masculino, ambos casados, autoidentificados “negros”, com filhos adolescentes e jovens e das camadas populares. C) Para a terceira geração, identificamos os estudantes entre 1980 e 1990 e que estavam na época da pesquisa na faixa etária dos 30 a 45 anos. Nesta geração contamos com um estudante do sexo masculino. Casado, com filho ainda na infância, oriundo das camadas médias e duas estudantes do sexo feminino, ambas casadas, com filhas jovens e das camadas populares. Os três se autoidentificaram como “brancos”. D) Para a quarta geração, identificamos os estudantes que estavam vivendo a juventude entre os anos de 2000 e 2007, portanto com idade entre 18 e 26 anos. Este era o maior grupo geracional da pesquisa, contando com quatro estudantes do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Nos dois grupos os jovens eram das camadas populares e havia uma proporção entre autoidentificados como “negros” e “pardos”.

Considerando-se a época, o local e o contexto em que teriam vivido a juventude, como cenário descortinou-se para a primeira geração uma mocidade na roça; para a segunda geração, uma juventude em pequenas cidades do interior do estado de Minas Gerais e para a terceira e quartas gerações, uma juventude “urbana” vivida na capital do estado de Minas Gerais, a cidade de Belo Horizonte.

## TERRITÓRIOS DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS PARA OS JOVENS DAS QUATRO GERAÇÕES

Tratar do tema dos territórios nesta pesquisa não foi fácil, pois assim como o conceito de juventude, a categoria “território” apresenta-se no cenário contemporâneo com grande polissemia. Muito utilizado na atualidade, fora do campo da geografia, o termo território ainda foi pouco sistematizado, demandando uma explicitação do seu uso neste texto.

Neste texto aproximamos do conceito de território como posto no campo da antropologia. Neste campo, o conceito de território, primeiramente associado aos estudos da etnologia indígena, vem na contemporaneidade sendo utilizado para os estudos da antropologia urbana. No contexto dos estudos sobre sociedades complexas, o conceito parece constituir um novo campo semântico e analítico. Podemos encontrar este termo em diferentes estudos sobre os modos com que distintos grupos ou indivíduos apropriam-se e significam os espaços das cidades. Exemplos: Zaluar (1997), Velho (2003) e sobretudo nos estudos de Magnani (1984) e Herxchmann (1997) sobre as tribos, grupos, estilos e culturas juvenis.

Em todos esses estudos percebe-se uma ligação entre o conceito de território e uma dupla dimensão: espaço, geralmente associado à cidade, aos bairros, aos guetos ou aglomerados, e a cultura associada aos sentidos, significados, apropriações, ressignificações da dimensão simbólica dos processos de construção de identidades culturais, dentre elas estilos e identidades juvenis. Nesse sentido, “território” pode ser pensado como campo de construção de experiências e subjetividades “positivas”, como, ao contrário, constituir-se como espaços/tempo fechados, opressores, limitadores da expressividade dos sujeitos.

## FAMÍLIA, TRABALHO E ESCOLA: TERRITÓRIOS DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS PARA OS ESTUDANTES DAS QUATRO GERAÇÕES JUVENIS

Na pesquisa realizada com os estudantes da escola de EJA- Educação de Jovens e Adultos, o primeiro território que se evidenciou e foi significado pelos estudantes como a principal dimensão em suas vivências juvenis e projetos de futuro, foi a **Família**. Ao identificar a família como primeiro território juvenil, ressaltamos que estamos lidando com uma significação complexa. A família é significada pelos estudantes das quatro gerações entrevistadas de forma ambígua. Para os estudantes pesquisados, a família recebe os bônus e os ônus de seus sucessos e

também fracassos. A família mostrou-se como primeiro território juvenil. Espaço significado em todas as gerações como primeiro espelho social (SARTI, 2005), por onde os estudantes se viam e se situavam nos outros espaços sociais. Foi também significado como “primeira” (em antecedência e importância) instância de produção de sentidos e construção dos projetos de futuro.

Entrecruzando as gerações com o gênero, a família apresentava-se com distintos significados quando considerados os estudantes do sexo feminino e masculino. No universo feminino, independentemente da condição econômica da família, predominaram relatos mais negativos, devido ao tratamento diferenciado que recebiam em casa. Sendo que as jovens tinham seu tempo e espaço de circulação mais restritos e o comportamento e principalmente, a sexualidade, era fortemente controladas. Enquanto aos filhos do sexo masculino era permitida maior liberdade para usufruir da condição juvenil, variando essa permissão apenas no que se refere às possibilidades econômicas e de local de moradia.

Como nos lembra Sarti (2005), à família é atribuído (e cobrado) o papel de suporte emocional, de espelho social e de espaço de construção de estratégias de inserção social. Diante da ausência de um Estado e de políticas públicas que auxiliem ou promovam essa inserção social dos jovens, cobra-se da família a promoção dos seus familiares. Neste estudo, apenas na quarta geração, já no início do século XXI, é que os relatos apontam para a presença e importância das políticas públicas e de ações organizadas da sociedade civil, auxiliando a família na educação e inserção sociocultural dos jovens.

**O trabalho, que a princípio não era para se constituir em um território juvenil,** no caso dos estudantes desta pesquisa o foi, em todas as gerações. Presente desde a infância ou início da juventude, nas três primeiras gerações, ou pela sua busca, na quarta geração, o trabalho é uma das dimensões constituintes dos modos como se vive e significa a juventude nesta pesquisa.

No universo desta pesquisa, paradoxalmente a juventude é marcada pelo trabalho. Nas três primeiras gerações a maioria dos estudantes precisou trabalhar desde cedo. Até a terceira geração, na idade de 07 anos, o trabalho configura, junto com a escola, uma primeira demarcação entre a infância e a juventude, ou pelo menos entre o que podemos denominar, preliminarmente, de uma primeira infância e uma fase ainda indeterminada que mesclam elementos e imagens da infância, mas já incorporam outros da vida adulta.

Para os estudantes dessas gerações, o tempo de infância e juventude esteve englobado basicamente ao trabalho. No universo feminino, nas quatro gerações, o trabalho doméstico (seja na própria casa ou como empregada doméstica) ocupava a centralidade do tempo feminino. Nas famílias das camadas populares, começando por volta da idade de sete anos e vai se avolumando e aumentando a responsabilidade no que concerne ao trabalho. Desde pequenas, por serem de famílias pobres, as meninas são educadas para os cuidados da casa e também das crianças. Elas são iniciadas no mundo do trabalho, geralmente na própria casa e quando crescem um pouco são apresentadas pela mãe, tia ou uma madrinha de batismo para cãs de outra família. Já nas famílias das camadas médias o trabalho entra de forma mais suave, através da realização de pequenos trabalhos (tarefas) em casa, ou da observação da relação entre a mãe e as trabalhadoras domésticas de sua residência.

De todo modo, independente da classe e da forma de trabalho, o cuidado com a casa e com as crianças constitui-se um dos aspectos formadores da subjetividade juvenil feminina e influi profundamente nos modos com que essas jovens vão traçar seus projetos de futuro. Até a quarta geração, o casamento, a constituição de um lar e de uma nova família era o projeto principal das estudantes.

O trabalho é o território mais constante nos relatos de juventude dos estudantes jovens do sexo masculino das três primeiras gerações. Nas três primeiras gerações, a entrada no mercado de trabalho era definidora de uma condição de não estudante. Apenas na quarta geração o trabalho passa a não ocupar totalmente o tempo dos estudantes, não impedindo conciliar escola e trabalho. Comparando a quarta geração com as outras três gerações, a pesquisa evidenciou que

para os jovens da quarta geração, escola e trabalho não são excludentes. Não houve nenhum relato de abandono total ou parcial ou mesmo de longo prazo. O que se registra nesta quarta geração é que os estudantes jovens vão alternando períodos em que frequenta a escola, abandona, volta, mas não rompe efetivamente com ela. Constituindo o que Machado Pais denomina de vivência ioiô.

Enquanto nas primeiras gerações a expectativa de futuro estava voltada para a constituição de uma família e um emprego/carreira, com ênfases diferentes, dependendo de se tratar do universo feminino ou masculino, na quarta geração, a expectativa de um curso superior, ainda na juventude, está posta. Do mesmo modo o acesso a postos de trabalhos mais especializados e que exigem maior escolaridade e formação. Neste sentido, muitos jovens pesquisados dividem o tempo da escola com cursos técnicos ou profissionalizantes em áreas como informática e automação, ou pretendem cursá-los logo após a conclusão do ensino médio. Isto porque consideram que o acesso ao “emprego” ou “trabalho” passa pela escola, mas não se esgota nela, exigindo outras qualificações.

Mas, se a *família* e o *trabalho* se configuraram como territórios de sentidos e significados para os jovens, o mesmo não podemos afirmar, com tanta tranquilidade **sobre a escola**. Considerando-se as quatro gerações da pesquisa, em cada geração pode-se observar o aumento das oportunidades educacionais oferecidas às gerações jovens e o aumento gradual da escolaridade dos estudantes: primeira geração cursando apenas a escola primária; segunda geração com acesso ao ensino fundamental completo e na terceira geração o ensino médio incompleto.

Para as estudantes da primeira geração, a **escola** efetivamente não se constituiu um território de vivências e experiências diretas e concretas, pois estas dela se excluíram ou, melhor dizendo: foram excluídas muito cedo. Ficou então para o espaço doméstico (próprio ou do trabalho em domicílio de outrem), no caso das mulheres, a maior parte das vivências juvenis, somente dividido com a Igreja e a praça. Por outro lado, e por esta exclusão da escola ainda na infância, nessa geração, a escola é significada como território dos sonhos e do desejo. Território distante, inacessível, mas extremamente desejado e também, por esse mesmo motivo, idealizado.

A *escola* apresenta-se como território de vivências juvenis apenas a partir da segunda geração e, mesmo assim, apenas até a idade de 15 anos, com a conclusão do ensino fundamental. Nessa, já se pode perceber uma maior presença da escola na idade de 12 a 15 anos. No caso masculino, conflitando a princípio e depois perdendo espaço diante da necessidade do trabalho formal e informal, da busca pelo emprego e pela profissionalização. No caso das mulheres, perdendo para o casamento em tenra idade.

Considerando-se os estudos sobre o processo de escolarização brasileiro, pode-se dizer que as trajetórias dos estudantes refletem precisamente o processo histórico de ampliação da escolaridade básica, pois antes, conforme nos lembra Filho e Vidal (2000), até a década de 1970, as crianças e adolescentes das camadas populares (estudantes de escolas públicas) ficavam na escola primária por, aproximadamente, cinco horas diárias e pelo período de cinco anos. “A *extensão do ensino fundamental para 8 anos só se daria, de fato, a partir da década de 1970, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases 5. 692/1971 e com a extinção dos grupos escolares*” (FILHO e VIDAL, 2000, p. 32)

Apenas na quarta geração, a escola abrange a totalidade dos estudantes na juventude. Mesmo, assim, é preciso lembrar que são estudantes de EJA, com trajetórias diferenciadas, geralmente conturbadas, com relatos de reprovações, evasões, conflitos com professores, direção e brigas com colegas, além de dificuldades de aprendizado.

Paradoxalmente, na quarta geração, a presença na escola não garante que ela constitua-se como um território significativo em suas vivências como jovens. Os relatos dos estudantes desta geração apontam para a existência de outros espaços, tais como os grupos religiosos, culturais ou esportivos, que passam a disputar esse lugar com a escola e, em muitos casos evidenciam-se como mais importantes em suas trajetórias e projetos de futuro.



A escola, para os estudantes da quarta geração, se apresenta mais como uma necessidade ou obrigação. Diante de uma sociedade cada vez mais complexa, para os jovens dessa geração, ao contrário dos colegas das primeiras gerações para os quais o trabalho com pouca escolarização ainda era possível, a conclusão do ensino médio se impõe como uma necessidade.

Nas duas primeiras gerações, encontramos o discurso do “impedimento” de prosseguir nos estudos ou das “grandes restrições” (pelos pais, pelo marido, pelas condições econômicas). No discurso dos estudantes jovens destas primeiras gerações, estudar aparece como a realização de um sonho cultivado desde a infância. O que se observa é que à medida que os estudantes relatam uma vivência escolar mais ampliada (ensino fundamental), o discurso já muda de tom. O desânimo com a escola, as dificuldades de aprendizagem e de relacionamento já se manifestam na segunda geração, ficando mais evidente e comum à medida que se aproxima da quarta geração. **Desse modo cabe a pergunta, será que, por este estudo, podemos dizer que a escola faz juventude?**

Pelos depoimentos dos jovens da quarta geração, infere-se que o aumento do tempo na escola tem contribuído para que os estudantes jovens usufruam de uma condição juvenil diferenciada e mais prolongada do que as gerações anteriores. O que nos leva a concordar com os estudos que relacionam o aumento da escolarização com a constituição da juventude, enquanto grupo etário destacado nas sociedades modernas. Mesmo que a cronologia brasileira aponte que este processo esteja ocorrendo para as camadas populares apenas nos anos recentes. Porém, ainda fica a questão se a escola (somente a escola) faz juventudes, no caso brasileiro. Pois, a pesquisa também mostrou que é nessa quarta geração que se destacam outros territórios de sociabilidades juvenis significativos na condição juvenil e na construção das subjetividades e projetos de futuro dos jovens pesquisados.

Deste modo, considerando o universo dos estudantes desta pesquisa, podemos dizer que na quarta geração a escola destaca-se como um dos territórios que constituem “juventudes” e “modos novos de ser e viver a juventude” no contexto brasileiro atual.

Mas, podemos dizer, concordando com Dayrell (2007) que ela não o faz sozinha. A escola é – juntamente com a família, a religião, os grupos e as culturas juvenis – parte dos territórios por onde os jovens se constituem como sujeitos e constroem novos modos de viver a juventude brasileira contemporânea. Ela compartilha com outras instituições a centralidade na constituição e formação dos jovens das novas gerações. Na contemporaneidade, como lembra Dubet (1996), o eixo desloca-se da instituição para os processos e experiências dos sujeitos. Desse modo, são os sujeitos jovens que ao transitarem por esses distintos territórios constroem suas experiências, seus modos próprios de viver e constituir-se como jovens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo mostrou o peso dos contextos socioculturais com que os jovens se defrontam e têm de lidar em suas trajetórias de vida. Alguns jogam em terrenos mais favoráveis, têm acesso a bens, equipamentos e políticas públicas e redes sociais que os auxiliam na construção de seus projetos de futuro. Outros, contam apenas com a família, sendo que esta não tem, muitas vezes, como, sozinha que está, lhes oferecer os recursos necessários. Desse modo, as condições juvenis se mostram muito diversas e resultam de múltiplas variáveis. Conforme posto por Dubet (1996), *o estudo objetivo da subjetividade dos atores determina uma relação particular nos indivíduos, desde o momento em que lhes sejam reconhecidas certas capacidades, especialmente as de construir uma sua própria experiência* (DUBET, 1996, p.263).

Por outro lado, nos permite concluir que os territórios constitutivos de modos próprios de ser jovem e viver a juventude, precisam ser pensados “transversalmente” em relação às dimensões mais profundas da constituição de subjetividades juvenis que são estruturadas e demarcadas pelas diferenças culturais postas pelo gênero, etnia e raça e pela condição socioeconômica. Esta pesquisa nos permitiu mostrar que, de um lado, são esses aspectos ou



dimensões identitárias dos sujeitos pesquisados que definem em muito, nos diferentes contextos históricos, os *campos de possibilidades* do ser jovem e de usufruir ou não da condição juvenil. É por meio dessas diferenças socioculturais que se constitui muito da desigualdade de condições de viver a juventude e se ver e afirmar-se como jovem.

Com relação a escola, a pesquisa evidenciou que esta constituía-se como um dos territórios significativos de vivência e experiências dos jovens das quatro gerações, porém de modos e intensidades muito distintas. Para alguns a escola constituía-se como território de sonhos e desejos não vividos em sua plenitude, para outros como territórios de vivências de conflitos e exclusão e, ainda para outros, territórios de desafios e construção de projetos de futuro. E, evidenciou ainda a fecundidade do diálogo entre os campos da Antropologia e da Educação e nesta o uso da etnografia e da história de vida para análise e compreensão dos fenômenos educativos e da relação entre juventudes e escola.

## NOTAS

<sup>3</sup>Aqui cabe esclarecer, que para esta pesquisa, apesar da formação e capacitação da pesquisadora, não se desenvolveu uma pesquisa histórica, de fontes diretas e primárias para reconstituição das configurações históricas das vivências juvenis em cada época ou geração pesquisada. Para compreender e situar o leitor nos contextos históricos dos relatos de juventudes produzidos pelos estudantes nos acercamos de pesquisas e artigos científicos de historiadores e em livros e periódicos credenciados e qualificados, caracterizando-se, portanto, por uma pesquisa histórica indireta. Grifo nosso.

<sup>4</sup>Aqui cabe esclarecer, que para esta pesquisa, apesar da formação e capacitação da pesquisadora, não se desenvolveu uma pesquisa histórica, de fontes diretas e primárias para reconstituição das configurações históricas das vivências juvenis em cada época ou geração pesquisada. Para compreender e situar o leitor nos contextos históricos dos relatos de juventudes produzidos pelos estudantes nos acercamos de pesquisas e artigos científicos de historiadores e em livros e periódicos credenciados e qualificados, caracterizando-se, portanto, por uma pesquisa histórica indireta.

<sup>5</sup>Grifo nosso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis; punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.
- ALMEIDA, Maria Isabel; EUGÊNIO, Fernanda (orgs). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine. Rapports de Générations: transferts intrafamiliaux et dynamique macrosociale. **Revue Française de Sociologie**, 41-4, Paris, France, 2000, p.643-684.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BENJAMIM, Walter. **Rua de mão única: obras escolhidas, vol.II**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.
- BORDO, Adilson Aparecido et alii. **As diferentes abordagens do conceito de território**. São Paulo: FCT, 2004.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p.151-172.
- CARDOSO, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo; São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua – espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAYRELL, Juarez T. **A música entra em cena: o rapp e o funk na socialização da juventude**. Belo

Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DAYRELL, Juarez T. **A escola faz a juventude?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Educação e Sociedade, Campinas, 2007, vol.28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128.

DAYRELL, Juarez T. Juventude e escola. In: SPÓSITO, Marília Pontes. **Estado do conhecimento sobre juventude e educação**. São Paulo, INEP, 2000. Disponível em: <http:// WWW. INEP.Gov.Br/ Acesso em setembro 2002.

GUATTARI, Félix, ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DELGADO, Lucília Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DUBET, François. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**. Sociologia das relações de poder apartir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar edit., 1998.

FAVRE, Pierre. Générations et politique. Paris: Fayard, Introduction, p.7-18. in: REIS,

Eliana dos. Juventude, intelectualidade e política: a ativação do “legado” de André Forster e a consagração de uma geração. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 10, 2003.

FILHO, Luciano de Faria; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, maio/ago., n. 14, p. 19-34, 2000.

GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HERXCHMANN, Micael (org). **Abalando os anos 90: funk e hip-hop, globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

LEVI, Giovane; SCHMITT, Jean-Claude (org). **História dos jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, jun. 2002, p. 11-29.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec, Brasiliense, 1984.

MAIA, Carla Linhares. **Entre gingas e berimbaus: culturas juvenis e escolas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MAIA, Carla Linhares. **Entre gingas e berimbaus: estudo de caso sobre juventude, culturas juvenis e escola**. Dissertação de mestrado, Belo Horizonte: PUC-MINAS, 2004.

MAIA, Carla Linhares Maia. **Cartografias juvenis: mudanças e permanências nos territórios e modos de ser jovem**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2010.

MANNHEIM, K. Essays on the Sociology of Knowledge. In: FORACCHI, M. **O problema sociológico das gerações**. Coleções Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1982.

MANNHEIM, K. **El problema de las generaciones**. Trad. Ignacio Sánchez de la Yncera. **REIS – Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, n. 62, p.193-242, abr/jun.1993.

MARGULLIS Mário e URREST, Marcelo. **La Juventude es más que una palabra**. Buenos Aires: biblos, 1996.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História.

São Paulo: PUC-SP, n. 10, 1993.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude**: alguns contributos. *Análise Social*, vol. 25, n. 105-106, 1990.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortês, 2003.

PAIS, José Machado. **Buscas de si**: expressividades e identidades juvenis. In: PRIORE, Mary Del (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SARTI, Cynthia. **O jovem na família**: o outro necessário. In: NOVAES, Regina;

SARTI, Cynthia. A família como ordem simbólica. **Revista de Psicologia**, São Paulo: USP, 2005.

SCHNEIDER, Sérgio e TARTARUGA, Iván G. Peyré. **Território e abordagem**

**territorial**: Dos referenciais cognitivos aos aportes aplicados à análise dos processos sociais rurais. *Raízes*, Campina Grande, vol. 23 n° 01, jan-dez, 2004.

SCHUTZ, Alfred. **Collected Papers**. The Hague, Martius Nijhoff, 3 v. 1970-1971. In: VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio (org). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979, p. 11-25.

SHORCKER, Carl. **Pensando com a História**: indagações na passagem para o modernismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: UNESP, 2004.

SPÓSITO, Marília Pontes. **Estado do conhecimento sobre juventude e educação**. São Paulo, INEP, 2000. Disponível em: < <http://WWW.INEP.Gov.Br/> Acesso em setembro 2002.

SPÓSITO, Marília Pontes (org.). **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte: Argymmentvm, 2009, v. I e II.

TOSTA, Sandra. **Sociabilidades contemporâneas**: jovens nas escolas. **A escola e seus atores**: educação e profissão docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TOSTA, Sandra; MAIA, Carla. Dialogando com jovens: etnografia na pesquisa

educacional. **Anais do XI Simpósio Interamericano de Investigación Etnográfica em Educación**, Buenos Aires, 2006.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Antropologia das sociedades contemporâneas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade**: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (orgs). **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VIANNA, Hermano (org.). **Galeras cariocas**: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

WELLER, W. **Karl Mannheim**: um pioneiro da sociologia da juventude. XII Congresso Brasileiro de Sociologia. Junho de 2007, UFPE, Recife (PE).

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZALUAR, Alba. **Gangues, galeras e quadrilhas**: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, Hermano (org). **Galeras cariocas**: territórios de conflitos e encontros culturais, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p 17-58.

Recebido em: 03/02/2014

Aprovado para publicação em: 08/04/2014